

CIDADE DO DESEJO: A EXPERIÊNCIA DA MIGRAÇÃO EM ITABUNA-BA NA DÉCADA DE 1980

Priscila Santos da Glória¹
Orientador: Wellington Castellucci Junior

*“Eu vim pra melhorar de vida”*²

I- Introdução

A historiografia vem aderindo novas performances nas últimas décadas possibilitando outras temáticas e abordagens. Em oposição ao positivismo no qual sobressaiam os estudos dos “grandes feitos e grandes homens”³ e a supremacia dos documentos escritos, se consolidou a *Escola dos Annales* com a proposta de “uma história-problema, viabilizada pela abertura da disciplina às temáticas e métodos das demais ciências humanas, num constante processo de alargamento de objetos”⁴, entre estes as vivências dos sujeitos que estavam a margem da escrita da história.

Este artigo busca contribuir com a citada resignificação das pesquisas históricas, problematizando as trajetórias dos migrantes que chegaram a Itabuna na década de 1980, seus desejos e sonhos neste processo migratório, sujeitos que foram relegados pela historiografia regional composta, sobretudo por obras memorialísticas e estudos a cerca da elite cacauzeira. É imprescindível uma reelaboração historiográfica “para não perpetuarmos visões de um passado mistificado, com acontecimentos cristalizados”⁵, buscando assim o “não-dito”⁶ e colocando no centro da análise histórica os subalternos, que segundo Sandra Pesavento⁷ são os pobres, proletários, mendigos, biscates, e no contexto desta pesquisa são também os migrantes da década de 1980.

O estudo compreende um diálogo entre as fontes demográficas, encontradas no IBGE⁸ e no SEI⁹ com as fontes orais, depoimentos de migrantes, moradores da periferia de Itabuna. Cruzamento que permitiu uma análise demográfica crítica, a qual abarcou as experiências,

¹ Mestranda do Programa de Pós-Graduação em História Regional e Local. UNEB-Campus V. Departamento de Ciências Humanas. E-mail: priumani@yahoo.com.br.

² Depoimento de seu João, migrante da zona rural e morador do bairro Pedro Jerônimo, na cidade de Itabuna.

³ BURKE, Peter. **A escrita da história: novas perspectivas**. São Paulo: Unesp, 1992. p. 13

⁴ CASTRO, Hebe. História Social. In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo. **Domínios da História: ensaios de Teoria e Metodologia**. p. 45

⁵ FENELON, Déa Ribeiro. O historiador e a cultura popular: história de classe ou história do povo?. In: **História e Perspectivas**, Uberlândia, nº 6, Jan/Jun, 1992. p. 6

⁶ CERTEAU, Michael de. A operação historiográfica. In: **A escrita da história**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002. p. 67

⁷ PESAVENTO, Sandra Jatahy. Op. cit. pg. 11

⁸ Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, censos demográficos disponíveis no site:

<http://biblioteca.ibge.gov.br/>

⁹ Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia, revistas de análises demográficas disponíveis no site: <http://www.sei.ba.gov.br/>

vivências e trajetórias dos sujeitos, “contribuindo para a compreensão do forma-se de uma sociedade e de uma população nos seus aspectos não apenas quantitativos, mas também sociais, culturais e demográficos”.¹⁰

II- O trabalho nas lavouras cacaeiras: “vida humilde de quem trabalha nas roças dos outros”¹¹

A cidade de Itabuna está localizada no sul da Bahia, região que se tornou conhecida pelo cultivo do “fruto de ouro”¹², o cacau, que despontou no final do século XX como principal produto exportável do estado, ultrapassando o comércio de fumo. Neste contexto a região atraiu migrantes de toda parte do país, e até mesmo de outros países, “do mesmo passo que as plantações de cacau cresciam, as correntes migratórias se polarizavam e o povoamento só foi aumentando”¹³. Os primeiros migrantes desejavam possuir “terras virgens e ricas”¹⁴ e conseguiram efetivar os seus desejos formando grandes propriedades cacauicultoras, estes foram retratados pela escrita memorialística como os “desbravadores da região sul que lutaram contra epidemias, feras e índios selvagens”¹⁵, os quais ao lado dos descendentes dos colonizadores constituíram o poder local desta região.

Pensar a região sul da Bahia enquanto um espaço é perceber que esta delimitação vai além das divisões políticas e econômicas, assim “a região configura-se como o espaço localizado de realização e controle de poder”¹⁶ e nesta região se estabeleceu o poder local dos cacauicultores, fossem eles produtores e/ou exportadores de cacau, “filhos da terra” e/ou os “desbravadores”, eles exerceram o seu domínio explorando as terras e um contingente significativo de trabalhadores construindo um espaço de poder e auto-imagem de seu grupo. Assim a região é entendida como um “mapa de muitas dimensões no qual as coordenadas representam espécies qualitativamente diferentes de poder, propriedade e controle”¹⁷.

A pesquisa destaca a existência de dois grupos entre os migrantes entrevistados, aqueles que eram pequenos produtores e outros que trabalhavam em grandes propriedades. No

¹⁰ LEVI, Giovanni *apud* ESPADA, Henrique Lima. Questões de escala Giovanni Levi. In: _____. **A micro história italiana: escalas, indícios e singularidades**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006. p.236.

¹¹ Depoimento de seu Talmon, migrante da zona rural e morador do bairro Pedro Jerônimo, na cidade de Itabuna.

¹² FREITAS; Antonio Guerreiro; PARAISO, Maria Hilda Baqueiro. **Caminhos ao encontro do mundo: A capitania, os frutos de ouro e a Princesa do Sul (Ilhéus, 1534-1940)**. Ilhéus. Editus, 2001PARAISO, op. cit., p. 111.

¹³ SANTOS, Milton. **Zona do cacau: introdução ao estudo geográfico**. Salvador: Artes Gráficas, 1955. p. 45.

¹⁴ FREITAS; Antonio Guerreiro; PARAISO, Maria Hilda Baqueiro, op. cit., p. 85.

¹⁵ SILVEIRA, Adelindo Kfoury. **Itabuna, minha terra**. Itabuna: Gráfica Santa Helena, 2002.

¹⁶ PESAVENTO, Sandra Jatahy. História regional e transformação social. In: **República em migalhas: história regional e local**. São Paulo: Marco Zero, 1990. p. 69.

¹⁷ DAVIS, Natalie Zemon. **Culturas do povo: sociedade e cultura no início da França moderna**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990. p. 9.

primeiro destaque seu José Raimundo, 61 anos, e seu João, 58 anos, ambos migraram da zona rural do município de Ilhéus¹⁸, onde eram trabalhadores rurais em roças de suas famílias, e na cidade de Itabuna aprenderam a profissão de mecânico. O segundo formado por dona Gessilia, 61 anos, e seu Talmon, 74 anos, trabalhadores rurais que migraram respectivamente de Buerarema e Ferradas¹⁹ para Itabuna.

As narrativas destes depoentes tornaram necessária a especificação acima, pois o trabalho nas zonas cacauceiras quando visto por diferentes sujeitos, compreende significados distintos, “com as fontes orais o historiador pode fazer que a perspectiva central seja a experiência real da vida das pessoas”²⁰, dessa forma podemos analisar “o modo como os trabalhadores pobres vivem, agiam e pensavam”²¹:

(...) cê sabe quem trabalha na roça a vida é horrível, não tem condição nenhuma (...) quando você trabalha em fazenda a propriedade é do outro, não é sua, a propriedade é do outro (...) sua vida é mixuruca²²

agente trabalhava pros outros, era capinando, era limpando cacau (...) trabalhava em chuva, sol, não tinha hora pra me ir, não tinha hora pra voltar, tive meus filho tudo em fazenda²³

O primeiro depoimento remete a insatisfação de trabalhar em uma terra que não lhe pertencia, seu Talmon repetiu a expressão “propriedade é do outro” na intenção de tornar claras as relações de poder que permeavam o trabalho nas lavouras de cacau, assim “as relações de trabalho não eram dadas, mas cotidianamente pensadas e objetivadas como prática social, no contexto de todo um modo de vida e de luta”²⁴. O segundo retrata o cotidiano difícil dos lavradores rurais, as expressões “sol”, “chuva”, “hora pra ir”, “hora pra voltar”, assume temporalidades deste trabalho que na visão de dona Gessilia era constante, colocando o trabalho nas lavouras no centro do seu cotidiano, “uma idéia que se trabalha muito, mas a vida continua sempre a mesma”²⁵.

¹⁸ Mais precisamente do distrito denominado Japu.

¹⁹ No período da migração Ferradas era um distrito de Itabuna, hoje é um bairro.

²⁰ SAMUEL, Raphael. Documentação: História Local e História Oral. In: **Revista Brasileira de História**. V. 9 nº19. São Paulo: set 89 / fev. 90. p. 232.

²¹ HOBBSAWM, Eric. **Mundos do Trabalho**: novos estudos sobre historia operaria. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000. p. 21.

²² Mixuruca segunda o dicionário da língua portuguesa é insignificante, de má qualidade. In: Depoimento de seu Talmon migrante da zona rural e morador do bairro Pedro Jerônimo, na cidade de Itabuna.

²³ Depoimento de Dona Gessilia migrante da zona rural e morador do bairro Pedro Jerônimo, na cidade de Itabuna.

²⁴ SANTANA, Charles D'Almeida. **Fatura e Ventura Camponesas**: trabalho, cotidiano e migrações Bahia: 1950-1980. São Paulo: Anablume, 1998. p. 44.

²⁵ ALMEIDA, Paulo Roberto de. Encantos e Desencantos da cidade: trajetória, cultura e memória de trabalhadores pobres de Uberlândia – 1970-2000. In: FENELON, Déa Ribeiro; KHOURY, Yara Aun et.al (Orgs.). **Muitas Memórias, Outras Histórias**. São Paulo: Olho d'água, 2005. p. 149.

Os cacauicultores submetiam estes trabalhadores à moradias improvisadas na parte inferior das barcaças²⁶, nestas eles não podiam cozinhar “para que o cheiro da comida não impregnasse nas amêndoas e com isso prejudicasse a qualidade”²⁷. Estes trabalhadores ainda deveriam comprar alimentos nos barracões, espécies de vendas, estabelecidas nas próprias propriedades, que “eram famosos por oferecerem produtos de péssima qualidade e a preços acima daqueles cobrados no mercado regional”²⁸, essas vendas eram controladas pelos cacauicultores que tinham o intuito de “prender” os trabalhadores nas propriedades, pois estes com os baixos salários que recebiam não conseguiam quitar os débitos nos barracões²⁹.

Ambos depoentes relacionam o trabalho nas fazendas de cacau com a sua própria vida, “na roça a vida é horrível (...) vida é mixuruca”³⁰, seu Talmon expressa através destes adjetivos seu sentimento em torno do cotidiano na roça, quando diz que não tinha “condição nenhuma” ele transmite não só as necessidades de sobrevivência (alimentação, vestuário, lazer), mas também condição de estudar, adquirir outros conhecimentos que fossem além do labor na roça de cacau, ele queria projetar um futuro além do trabalho nas “roças dos outros”³¹. Seu Talmon não se adaptou, ou se conformou a aquela realidade de subordinação, mas ao mesmo tempo projetou seu futuro reelaborando experiências e expectativas³².

Dona Gessilia também constrói a relação trabalho-vida em sua narrativa: “tivi meus filho tudo em fazenda”, quando fala do contexto da lavoura cacauieira introduz o nascimento dos seus filhos neste processo, para ela foram acontecimentos importantes que marcaram sua história, quando ela recorda que dois destes filhos já faleceram, olha melancolicamente para sua neta que se encontra em seus braços durante o depoimento, e fala sobre a morte recente da mãe desta criança, sua filha³³. Alessandro Porteli³⁴ ressalta a importância de compreender a linguagem do corpo que não fica registrada na gravação, mas na memória do entrevistador, pois “uma performance se transforma em um texto”³⁵.

Seu João que possuía uma pequena propriedade rural junto a sua família lembra com tranqüilidade o tempo da lavoura: “Agente plantava de tudo menina, cacau, café, arroz, feijão,

²⁶ Segundo Lins barcaça era “uma superfície de madeira suspensa do chão por colunas e paredes onde o cacau é colocado para secagem, e dispunha de um telhado, geralmente de zinco que se desloca através de trilhos para proteger o cacau de eventuais chuvas. In: LINS, Marcelo, op. cit., p. 60.

²⁷ Ibidem.

²⁸ Ibidem.

²⁹ Ibidem.

³⁰ Depoimento seu Talmon, op. cit.

³¹ Expressão citada anteriormente, presente no depoimento de seu Talmon.

³² ALMEIDA, Paulo Roberto de, op. cit., p. 144.

³³ Depoimento de dona Gessilia, op. cit.

³⁴ PORTELI, Alessandro. História oral como gênero. In: **Projeto História**, São Paulo, n.22, jun. 2001, p. 24.

³⁵ Ibidem.

milho, de tudo, agente plantava de tudo (...) lá agente tinha de tudo”³⁶, fala que traduz um tempo de “fatura”³⁷, no qual seu João destaca o advérbio “tudo” várias vezes no sentido de enfatizar uma “sensação de se viver bem (...) de ter certa facilidade em satisfazer às necessidades de alimentação”³⁸. Percebemos a construção de uma narrativa carregada de temporalidades e significados, dessa forma estas narrativas são “atos interpretativos, como processos constantes de atribuição de significados, como expressões da consciência de cada um sobre a realidade vivida”³⁹.

Seu Raimundo, no entanto, não recorda este tempo com saudosismo, mesmo possuindo uma condição semelhante à de seu João: “roça só a passeio (...) eu vi que a roça não dava, não tinha possibilidade, fui aprender a profissão pra sobreviver”⁴⁰, narrativa que retrata sua migração para cidade, na qual ele esperava aprender outro ofício, ter mais “possibilidade”, a roça na sua perspectiva limitava seus horizontes e assim não dava para “sobreviver”. “Ao narrar, as pessoas interpretam a realidade vivida, construindo enredos sobre essa realidade, a partir do seu próprio ponto de vista”⁴¹.

III- Os desejos e as trajetórias dos migrantes

A década de 1980 marca uma mudança significativa na dinâmica demográfica da cidade de Itabuna, até este período a cidade apresentava saldos migratórios negativos, ou seja, o movimento de saída ultrapassava o movimento de entrada, a partir desta década esta situação se inverteu, a cidade passou a receber mais migrantes⁴² e até o ano 2000, houve um crescente aumento populacional. Com base nos dados dos censos demográficos do IBGE, entre 1970 e 1991 a população de Itabuna teve um incremento relativo de 64,37%, um aumento de 72.556 mil habitantes, conforme tabela abaixo:

Tabela 1

População Residente Total				Taxas de crescimento		
1970	1980	1991	2000	1970/1980	1980/1991	1991/2000
112.721	144.283	185.277	196.675	28,00%	28,41%	6,15%

Fonte: SEI. **Dinâmica sociodemográfica da Bahia: 1980-2002** v. 2. Série Estudos e Pesquisa Nº 60, Salvador, SEI, 2003. p. 128

³⁶ Depoimento de seu João, op. cit.

³⁷ Para a utilização de tal expressão recorrer ao estudo de SANTANA, op. cit., p. 38.

³⁸ Ibidem, p. 38.

³⁹ KHOURY, Yara Aun. Muitas memórias, outras histórias: cultura e sujeito na história. In: FENELON, Déa Ribeiro; KHOURY, Yara Aun et.al (Orgs.). **Muitas Memórias, Outras Histórias**. São Paulo: Olho d’água, 2005. p. 123.

⁴⁰ Depoimento de seu Raimundo, op. cit.

⁴¹ KHOURY, Yara Aun, op. cit., p. 125.

⁴² Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia. **Migração e Migrantes da Bahia 1980 e 1990: tendências e perfis demográficos**. Salvador: SEI, 2006. pg. 50

Elaboração: GLORIA, P.S.

É notável que entre as décadas representadas acima o período de 1980-1991 foi o que apresentou maior crescimento populacional. Comparando estes dados com as taxas de natalidade da Bahia, observa-se que a partir de 1970, é verificado neste estado de forma geral, que as taxas de natalidades diminuem em função da expansão do trabalho assalariado para as mulheres e o aumento dos níveis de escolaridade. Com esta tendência o crescimento vegetativo apresenta perdas em números a partir de 1970, e o saldo migratório passa a ter uma importância para o crescimento demográfico das cidades baianas o que se verifica também em Itabuna⁴³.

E quais eram as origens destes migrantes? Periódicos do período, da cidade de Itabuna, destacam a presença de “retirantes” originários de regiões do nordeste atingidas pela seca, a qual “está fazendo com que aumente a cada dia, a migração de nordestinos que (...) estão partindo para vários pontos do país, inclusive Itabuna”⁴⁴. Este foi o caso de Aurora Maria dos Santos, que com quatro filhos chegou a Itabuna buscando melhores condições de vida, pois não suportava mais o estado de miséria que convivia no Ceará. Sem conseguir emprego acabou na mendicância, pedindo esmolas para alimentar os filhos⁴⁵.

Segundo dados apresentados pelo IBGE no censo demográfico de 1991, os migrantes que chegaram a Itabuna na década de 1980 vieram, em sua maioria, do próprio estado da Bahia, assim a migração analisada aqui é caracterizada como interestadual. O censo revela também que a quantidade de migrantes dos estados do sudeste era superior aquela representada pelos migrantes originários do nordeste, com exceção da Bahia, o que não descarta a presença desses últimos na cidade de Itabuna, conforme os números expostos abaixo:

Tabela 2

Pessoas não naturais que tinham menos de 10 anos ininterruptos de residência em Itabuna - 1991		
Origem	Quantidade	%
Bahia	24.232	82,13%
São Paulo	2.034	6,89%
Rio de Janeiro	705	2,39%

⁴³ Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia. **Dinâmica sociodemográfica da Bahia: 1980-2000** v. 1. Série Estudos e Pesquisas Nº 60, Salvador, SEI, 2003.

⁴⁴ “Retirantes chegam a Itabuna”. *Diário de Itabuna*. 22 jan. de 1983. Ano XXVI. Nº 5.038, p. 1. APMI.

⁴⁵ “Loucos e Mendigos infestam Retirantes chegam a Itabuna”. *Diário de Itabuna*. 22 jan. de 1983. Ano XXVI. Nº 5.038, p. 1. APMI.

⁴⁵ “Loucos e Mendigos infestam a cidade”, op. cit., p. 1.

Minas Gerais	508	1,72%
Paraíba	290	0,98%
Sergipe	270	0,92%
Ceará	236	0,80%
Pernambuco	232	0,79%
Espírito Santo	231	0,78%
Outros	765	2,60%
Total	29.503	100,00%

Fonte: Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo Demográfico 1991** – Migração: resultados da amostra. IBGE: Rio de Janeiro, 1997.
Elaboração: GLORIA, P.S.

Depois da Bahia o estado com um número de migrantes significativos foi São Paulo, ressaltando a transformação da dinâmica demográfica do estado da Bahia, entre as décadas de 1940 a 1970 aconteceu uma migração inversa, a Bahia foi responsável por grande parte da mão de obra das indústrias e do mercado informal de São Paulo⁴⁶. Neste novo contexto demográfico, da década de 1980, é válido ressaltar dados que evidenciam uma migração de retorno para a cidade de Itabuna, sendo 12,43% destes 29.503 migrantes foram caracterizados pelo censo como “pessoas naturais do município que já residiram fora do município e tinham menos de 10 anos ininterruptos de residência em Itabuna”⁴⁷.

Os trabalhadores rurais que migraram das lavouras cacauceiras para a cidade de Itabuna estão integrados aos 82,13% dos migrantes originários do próprio estado da Bahia, o que evidencia a relação entre a migração com a crise cacauceira, como também expõe seu João em depoimento: “a roça foi acabando, a doença matando o cacau todo, não dava pra ficar os filho tudo num pedacinho de roça (...) mas ainda tem gente morando lá, mas eu só vou a passeio”⁴⁸.

É importante ressaltar que a perspectiva da crise nesta narrativa é a de um pequeno produtor, a roça pertencia ao pai de seu João e ele deixa claro que além da doença, vassoura-de-bruxa, a produção não possibilitava a sobrevivência de toda família, que foi aumentando quando ele e os irmãos constituíram outros núcleos familiares: “se a roça fosse maior e desse pra agente produzir, agente vivia lá, mas não deu fazer o quê? Tem que ficar por aqui mesmo”⁴⁹.

A trajetória de seu Talmon se diferencia dos demais depoentes, pois ele chegou à cidade de Itabuna na década de 1960, o que evidencia uma migração anterior a crise cacauceira do período de 1980, ele buscava uma possibilidade de inovar suas perspectivas de vida: “Eu

⁴⁶ Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia, op. cit.

⁴⁷ Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo Demográfico 1991** – Migração: resultados da amostra. IBGE: Rio de Janeiro, 1997.

⁴⁸ Depoimento de seu João, op. cit.

⁴⁹ Ibidem.

vim realmente pra ver se eu melhorava de vida, eu não tinha expectativa nenhuma”⁵⁰. Seu Talmon ressaltou a vida difícil daqueles que trabalhavam em grandes lavouras cacaeiras, situação demonstrada em depoimentos citados anteriormente, nesta narrativa expectativa vai além da sobrevivência, seu Talmon, aspirou na cidade de Itabuna novos conhecimentos e posteriormente um reconhecimento profissional. A narrativa representa a “projeção de uma vida melhor, da expectativa de superação das dificuldades enfrentadas (...) de solução para as situações-limite enfrentadas por eles nos seus locais de origem”⁵¹.

Em Itabuna seu Talmon conseguiu um trabalho na CEPLAC⁵², mas especificamente na aérea de botânica, onde aprendeu a identificar a flora da mata atlântica: “aí eu entrei na CEPLAC, trabalhando no campo, aí comecei a minha vida, fui melhorando os meus conhecimentos”⁵³. Narrativa que relaciona sua entrada na CEPLAC com o começo de sua vida, revelando que sua vivência nas lavouras cacaeiras não representava uma *vida*, para ele a vida se inicia quando há uma perspectiva de futuro, fruto dos seus novos conhecimentos: “foi aí que eu comecei a minha vida, porque eu não tive condição de estudar, por causa do trabalho pesado, trabalhava dia e noite, mas também comecei a desenvolver minha mente nessa aérea da botânica”⁵⁴.

Diante deste quadro de exploração os trabalhadores rurais buscavam outras propriedades na tentativa de obter melhores salários ou “até mesmo pela perspectiva de tornar-se depois um pequeno agricultor”⁵⁵. Eles viam na migração possibilidades de concretizar seus sonhos, e não foram apenas para as cidades mais próximas, alguns chegaram a regiões distantes como Rondônia, movidos por propostas de trabalho que prometiam altos salários e até mesmo propriedades rurais⁵⁶.

Em 1984, cerca de 80 famílias teriam saído de diversos municípios do sul da Bahia, principalmente de Camacã, para a cidade de Cacoal, em Rondônia, destinados a trabalhar em lavouras de cacau.⁵⁷ Segundo Olímpio Vargens, presidente do Sindicato Rural de Camacã, o principal motivo desta migração para Rondônia era a crise cacaeira que levava os

⁵⁰ Depoimento de seu Talmon, op. cit.

⁵¹ SOUZA, João de Carlos. **Na luta por habitação**: a construção de novos valores. São Paulo: EDUC, 1995. p. 34.

⁵² Comissão Executiva do Plano da Lavoura Cacaueira.

⁵³ Depoimento de seu Talmon, op. cit.

⁵⁴ Ibidem.

⁵⁵ SANTOS, Milton, op. cit. pp. 99-100.

⁵⁶ “Trabalhadores da região cacaeira estão sendo aliciados para Rondônia”. *Diário de Itabuna*. 21 jan de 1984. Ano XXVI. Nº 5.217, p.1. APMI.

⁵⁷ “Trabalhadores da região cacaeira estão sendo aliciados para Rondônia”, op. cit., p. 1.

fazendeiros a demitirem seus trabalhadores e impossibilitava a melhoria de salários⁵⁸. Os depoimentos citados anteriormente problematizam a validade deste discurso, pois mesmo antes da crise os trabalhadores já conviviam com as precárias condições de trabalho impostas pelos cacauicultores e viam na migração uma possibilidade de insubordinação.

Considerações Finais

É notável a transformação da dinâmica demográfica da cidade de Itabuna a partir da década de 1980, o crescente aumento populacional e sua relação com a intensificação dos processos migratórios neste período. Estes processos por sua vez não podem ser engessados em categorias fixas, pois os migrantes construíram suas próprias vivências e experiências que delinearão trajetórias ao mesmo tempo distintas e semelhantes, cabendo ao historiador perceber as singularidades de cada trajetória.

Há também uma ligação deste processo migratório com a crise cacauieira que começa a se apresentar na década de 1980, porém analisando as fontes orais se percebeu uma migração de trabalhadores da lavoura cacauieira anterior a esta crise, o que demonstra um quadro de insubordinação destes trabalhadores que visualizavam na cidade de Itabuna uma forma de escapar do domínio dos cacauicultores. Assim as trajetórias dos sujeitos históricos destes processos não podem ser reduzidas ao contexto da crise cacauieira.

Novas questões foram levantadas que necessitam de novos estudos como as vivências destes migrantes na cidade de Itabuna, suas frustrações e estratégias de sobrevivência, as quais permeiam o processo urbanístico da cidade e as práticas do poder público na busca de “soluções” para o aumento populacional e a ausência de uma infra-estrutura. O estudo buscou problematizar os desejos destes migrantes ao nortear suas vidas na migração enquanto processo histórico e ao vincularem suas projeções à cidade de Itabuna, no entanto é ainda necessária uma análise de como esta cidade foi planejada e desejada pelos poderes hegemônicos, e como estes construíram práticas para desenvolver seus planos urbanísticos diante da chegada dos migrantes.

Referência Bibliográfica

ALMEIDA, Paulo Roberto de. Encantos e Desencantos da cidade: trajetória, cultura e memória de trabalhadores pobres de Uberlândia – 1970-2000. In: FENELON, Déa Ribeiro; KHOURY, Yara Aun; et.al. (Orgs.). **Muitas Memórias, Outras Histórias**. São Paulo: Olho d’água, 2005.

⁵⁸ “Trabalhadores rurais estão sendo levados para Rondônia”. *Diário de Itabuna*. 03 fev. de 1984. Ano XXVI. Nº 5.220, p. 1. APMI.

- BURKE, Peter. **A escrita da história: novas perspectivas**. São Paulo: Unesp, 1992.
- CASTRO, Hebe. História Social. In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo. **Domínios da História: ensaios de Teoria e Metodologia**.
- CERTEAU, Michael de. A operação historiográfica. In: **A escrita da história**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002.
- DAVIS, Natalie Zemon. **Culturas do povo: sociedade e cultura no início da França moderna**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.
- ESPADA, Henrique Lima. Questões de escala Giovanni Levi. In: _____. **A micro-história italiana: escalas, indícios e singularidades**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.
- FENELON, Déa Ribeiro. O historiador e a cultura popular: história de classe ou história do povo?. In: **História e Perspectivas**, Uberlândia, nº 6, Jan/Jun, 1992.
- FREITAS, Antônio Guerreiro de; PARAISO, Maria Hilda Baqueiro. **Caminhos ao encontro do mundo: A capitania, os frutos de ouro e a Princesa do Sul (Ilhéus, 1534-1940)**. Ilhéus. Editus, 2001.
- HOBSBAWM, Eric. **Mundos do Trabalho: novos estudos sobre história operária**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000.
- KHOURY, Yara Aun. Muitas memórias, outras histórias: cultura e o sujeito na história. In: _____; FENELON, Déa Ribeiro; et.al. (Orgs.). **Muitas Memórias, Outras Histórias**. São Paulo: Olho d'água, 2005.
- LINS, Marcelo da Silva. **Os vermelhos nas terras do cacau: a presença comunista no sul da Bahia (1935-1936)**; Dissertação (Mestrado – Programa de Pós-Graduação em História Social). Salvador: UFBA, 2007.
- PESAVENTO, Sandra Jatthy. **Os pobres da cidade: vida e trabalho – 1880-1920**. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 1994.
- PORTELI, Alessandro. História oral como gênero. In: **Projeto História**, São Paulo, n.22, jun. 2001.
- SAMUEL, Raphael. Documentação História Local e História Oral. In: **Revista Brasileira de História**. São Paulo. v.9. Nº19, set. 89/fev. 90.
- SANTANA, Charles D'Almeida. **Fartura e Ventura Camponesas: trabalho, cotidiano e migrações Bahia: 1950-1980**. São Paulo: Anablume, 1998.
- SANTOS, Milton. **Zona do cacau: Introdução ao estudo geográfico**. Salvador: Artes Gráficas, 1955.
- SILVEIRA, Adelindo Kfoury. **Itabuna, minha terra**. Itabuna: Gráfica Santa Helena, 2002.
- SOUZA, João de Carlos. **Na luta por habitação: a construção de novos valores**. São Paulo: EDUC, 1995.
- THOMPSON, E. P. **A formação da classe operária inglesa: a maldição de Adão**. V.II. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.